



## Relações abusivas no cinema: uma breve análise da personagem Harley Quinn<sup>92</sup>

Nikolly dos Santos Neto<sup>93</sup>

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

“Que um homem não te define, sua casa não te define,  
sua carne não te define, você é seu próprio lar”  
Francisco el Hombre.

**Resumo:** Esse artigo busca identificar as consequências de relações abusivas, analisando a personagem Harley Quinn do filme *Esquadrão Suicida* (2016). Compreender os estudos de gênero e patriarcado faz-se imprescindível para o entendimento do porquê de o relacionamento abusivo ser tão presente na sociedade e nos processos de representação na mídia e no cinema. Através da análise fílmica e pesquisa bibliográfica observa-se um exemplo de como é importante pontuar a luta da igualdade de gênero simultânea à luta feminista.

**Palavras-chave:** Violência de gênero. Patriarcado. Relacionamentos abusivos. Harley Quinn.

### Introdução

A violência e o relacionamento abusivo vêm se tornando cada vez mais abrangente no nosso dia a dia e muitas das vezes são banalizados em programas televisivos, filmes e outros tipos de representações na mídia. Justificados por uma conjectura biológica, apontam as mulheres através de uma ideologia patriarcal como seres frágeis, dependentes de uma figura masculina para proteger e orientar, passivas da violência que tanto as atingem.

Para entender melhor a sociedade e as imagens, criadas e construídas a partir dos produtos audiovisuais sobre relacionamentos abusivos, é preciso destacar o sistema patriarcalista que perpetua o poder masculino, tornando o homem como uma autoridade ao longo dos tempos, como foi dada a divisão de gêneros e como homem e mulher têm funções predefinidas culturalmente.

O cinema cria representações sobre a sociedade inserindo ocorrências cotidianas para que torne mais verossímil sua narrativa. É comum vermos roteiro que traduzem relacionamentos abusivos em seu enredo. Dessa forma, esse trabalho procura investigar como mulheres são inseridas na narrativa hollywoodiana, analisando a personagem *Harley Quinn*

<sup>92</sup> Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Câmpus Laranjeiras.

<sup>93</sup> Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás. Estudante da Pós-Graduação Lato Sensu em Cinema e Audiovisual: Linguagens e Processos de Realização pela Universidade Estadual de Goiás. Email: nikollysn@hotmail.com



do filme *Esquadrão Suicida* (2016), com o propósito problematizar as desigualdades de gênero no filme, uma vez que a sociedade contemporânea foi construída em uma base dividida em gêneros, onde na maioria das culturas, no que se refere ao acesso a recursos, o gênero masculino com frequência foi posicionado como superior.

### **Questões de gênero e a lei do mais forte**

Existem muitos estudos voltados às teorias de gênero e de como isso influencia em um indivíduo. O gênero é a sexualidade social criada para solidificar a maior parte da heterogeneidade construídas social e culturalmente entre os mesmos. O sexo já distingue completamente desse conceito, ou seja, trata-se das diferenças e características biológicas, associadas unicamente a anatomia e fisiologia. O gênero estrutura a sociedade de forma que homens e mulheres vão sendo moldados de modo que sigam os padrões impostos pelo meio social.

A partir dos moldes impostos pela sociedade, homem e mulher vão se distinguindo de maneira que seus papéis vão se distanciando. O homem é visto como o provedor, ser superior em relação à família e esposa, criado para estar no comando e para ser respeitado. A mulher torna-se subjugada, vítima da dominação masculina, sendo representada socialmente como mãe e esposa, com seus deveres conjugais, destinada a ser unicamente voltada à maternidade e as tarefas do lar.

A teorização do gênero tem para Scott (1992, p. 16) uma segunda premissa, ou seja, gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado.

Lauretis (1994), iniciando a reflexão sobre o termo gênero a partir da gramática e de como este aparece na forma gramatical de diferentes maneiras, ou mesmo ausentes, conforme a língua, verifica que:

o termo gênero é uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente, seja ele um objeto, uma coisa, ou ser animado. O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação(...). O gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer(...). Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (Lauretis, 1994, p. 210).



O gênero masculino e feminino é materializado a partir do momento em que a criança recebe um nome e começa a ser tratada em relação ao seu sexo e assim, associado a instruções comportamentais, formas de pensar, entre outros padrões. A sociedade institui papéis de outrem à escolha do indivíduo, muitas das vezes sexistas. Saffioti considera que:

não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia (Saffioti, 1992, 210).

Algumas atitudes presentes no cotidiano influenciam muito na formação e no caráter do indivíduo. É comum escutarmos expressões e ditados sexistas como “homem não chora”, “menino usa azul e menina usa rosa”, “menino joga bola, menina brinca de boneca”, “lugar de mulher é na cozinha” e até mesmo adjetivos implicam nessa criação, ou seja, o comportamento não vem de uma ordem natural e sim cultural. O gênero acaba sendo coroado como uma relação de poder, causando assim uma discriminação e desigualdade social que acaba por sair do controle.

Saffioti (1994) aponta que as diferenças entre homens e mulheres devem ser entendidas como fruto de uma convivência social mediada pela cultura e não como naturais. A autora indica que a afirmação de que o gênero vem em primeiro lugar é conferir-lhe prioridade sobre os demais eixos de estruturação social. Isto porque as categorias raça/etnia e classe social são também filtros de percepção que servem de parâmetros para a organização das relações de poder.

A construção social do feminino e masculino muitas vezes são influenciadas por características ligadas aos gêneros. A mulher é tratada como frágil, delicada, passiva, submissa, domesticável, enquanto o homem em prol de sua natureza e sexo é tratado como mais forte, o mais corajoso, mais racional, agressivo e objetivo. Mas isso não está diretamente ligado à sua natureza e sim pelo que é gerado ao longo de toda uma construção histórica do gênero. Para Saffioti (2004), o gênero não se restringe a uma categoria analítica, porque também é histórica. O conceito de gênero não implica desigualdade e poder, nem evidencia a parte oprimida. A desigualdade entre os gêneros é refletida nas relações desiguais, sejam no trabalho, em casa ou na sociedade como um todo.



Durante décadas, vemos a luta incessante da mulher pela sua inserção na sociedade de forma digna, por direitos civis e trabalhistas igualitários, pela autossuficiência em relação à supremacia masculina como um todo. A fuga do estereótipo é condenada pela natureza por não seguir o padrão que foi atribuído ao feminino, o que nos remete mais uma vez, à imposição do gênero criado socialmente, que faz com que a mulher seja vítima de diversas injúrias causadas por justificativas ligadas ao seu gênero.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (Beauvoir, 1967, p. 9)

Entender o conceito de gênero também é compreender que o mesmo anda paralelamente ancorado ao patriarcado. O patriarcado eleva a masculinidade como ser superior, como mais forte, fazendo a mulher refém do sistema que cria situações que antagonizam o homem em relação à mesma. A partir da ideologia sexista, o homem, tal como foi construído, é que sabe o que é melhor para a mulher, a família e a sociedade.

Sabendo que o patriarcado se torna item comum da violência de gênero e desigualdade contra a mulher, é imprescindível entender que as diferenças entre os gêneros estabelecem signos culturais, ou seja, esses signos estão ligados a conceitos normativos que fundamentam interpretações que se diligenciam para limitar algumas comparações presentes em situações de cunho religioso, educativo, político, entre outros.

### **Surgimento e fixação do patriarcado**

É fundamental associar o conceito de gênero e patriarcado para compreender o encadeamento entre dominação e submissão baseado no convívio entre homens e mulheres. A partir disso, é possível entender a tradição do sistema patriarcal, onde o homem representa a figura de maior autoridade em meio à família, como ratificador da subordinação e submissão.

Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos



corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (Scott, 1995, p. 75).

Podemos considerar que o gênero é uma categorização alicerçada à divisão sexual o trabalho. Para a filósofa Jane Flax (1983), o mais profundo dualismo estabelecido, incluindo sujeito/objeto, mente/corpo é um mero reflexo da divisão estabelecida entre os gêneros. Essa divisão, muitas vezes, acarreta a uma amesração, levando à dominação de gênero pelo outro, estando paralelamente ligado ao conceito de família e à hierarquia.

No período Paleolítico, a organização social já se dividia por gêneros. Os homens ficavam encarregados em caçar, pescar e proteger o grupo, enquanto as mulheres, coletariam frutas, preparariam o alimento e cuidariam dos filhos. Já havia uma noção relacionada ao ser mais forte do grupo e também uma consciência de gênero, as mulheres já eram vistas como seres frágeis e domesticáveis, mesmo havendo uma divisão de afazeres.

Nada na natureza explica a divisão sexual de trabalho, nem instituições como o casamento, conjugalidade ou descendência /linhagem paterna. Tudo é imposto sobre a mulher através de coerção, todos são, portanto, fatos da civilização que devem ser explicados, e não usados como explicação. (Meillasoux, 1981, p. 20/21)

No Primeiro Testamento, livro de Gênesis, Deus cria Eva a partir da costela de Adão. Muitas interpretações idealizam Adão como ser superior, pelo simples fato de ter dado vida à uma mulher e com isso a mulher seria dependente e inferior ao mesmo. Com isso, por ter pecado ao comer o fruto proibido, Eva é considerada a libertadora de todos os males da Terra, porque sucumbiu ao desejo do pecado, levando Adão pelo mesmo caminho.

Pressupõe que o patriarcado teve início por volta do quarto milênio, que com o surgimento de sociedades agrícolas, desenvolve um sistema patriarcal, definindo seus pensamentos em torno de crenças e divisões de gêneros.com base em questões culturais e institucionais. Conforme as sociedades foram se desenvolvendo, as relações entre gêneros foram se concretizando e domínio masculino foi tomando força.

Os homens agora eram responsáveis, em geral, pela plantação; a assistência feminina era vital, mas cabia aos homens suprir a maior parte dos alimentos. A taxa de natalidade subiu, em parte porque os suprimentos de alimentos se tornaram um pouco mais seguros, em parte porque havia mais condições de aproveitar o trabalho das crianças. Essa foi provavelmente a razão principal de os homens assumirem a maior parte das funções agrícolas, já que a maternidade consumia mais tempo. Dessa forma, as vidas das mulheres passaram a ser definidas mais em termos de gravidez e cuidados de crianças. Era o cenário para um novo e penetrante patriarcalismo. (Stearns, 2007, p. 73)



O Código de Hamurabi<sup>94</sup> reafirma que a mulher era injuriada de diversas formas, mesmo que muitas das leis também fossem a favor da mesma. Se a mulher trásse o marido, ela seria amarrada e jogada dentro da água, se a esposa não fosse capaz de gerar filhos, ela seria devolvida para seu pai, se a mulher fosse uma péssima esposa, ela também poderia ser afogada. A maior parte punia as ofensas sexuais.

De cultura em cultura vemos raízes do patriarcado seja no meio cultural ou religioso que reprime a mulher tornando-as inferiores. No Oriente Médio, surge o uso do véu, as mulheres não podem sair desacompanhadas, os cabelos apenas poderão ser exibidos para a família, uso do *hijab* que cobre o corpo da cabeça aos pés, mulheres solteiras não podem conversar com homens, não podem dirigir, muitas mulheres são circuncisadas para que não sintam prazer, muitos casamentos são arranjados e dotes são pagos pela esposa. Mesmo que tenhamos tido avanço em relação aos direitos femininos, muitas mulheres ainda são privadas de educação em vários países.

O quesito mais recorrente das sociedades patriarcais são características concretas ou simbólicas. Os valores masculinos, a força física e o individualismo são exaltados e a natureza social os leva à dominação e à hierarquização tornando as mulheres, constantemente as maiores vítimas desse sistema, ou seja, são propensas a ser dominadas, muitas vezes por meio da violência.

### **Relacionamentos abusivos e violência contra a mulher**

O relacionamento abusivo é um meio de coibir, censurar e reprimir a independência feminina. Qualquer relação em que são praticados atos de agressão, sejam físicas, emocionais, psicológicas, preponderando uma coabitação abusiva, é considerada um relacionamento tóxico. Esse tipo de relação pode acontecer com qualquer indivíduo, mas é mais frequente com mulheres.

De acordo com a ONG Livre de Abuso<sup>95</sup> os números deixam claro que as mulheres, principalmente jovens entre 16 e 24, são as maiores vítimas dos relacionamentos abusivos. Ainda com dados da ONG, no Brasil, mais da metade dos homens de todas as classes sociais já cometeu algum tipo de agressão contra uma parceira – o que explica o fato de que 84% das

<sup>94</sup> Conjunto de leis criadas na Mesopotâmia, por volta do século XVIII a.C, baseado na lei de talião, “olho por olho, dente por dente”.

<sup>95</sup> Disponível em <https://www.livredeabuso.com.br/relacionamentos-jovens>



jovens mulheres brasileiras já tenham sofrido agressão verbal de um homem. 57% das jovens já tiveram um parceiro que quis controlar suas amizades ou os lugares em que elas iam; 55% delas já tiveram um parceiro que quis acessar ou que acessou seus celulares/e-mail/redes sociais; 47% já foram forçadas a ter relações sexuais com o parceiro; 41% já sofreram agressão física de um homem; 39% das jovens já tiveram um parceiro que quis que elas trocassem de roupa para sair.

É imprescindível que tenhamos ciência das características de um relacionamento abusivo para que seja possível reconhecer quando indícios começam a aparecer. É muito frequente que a vítima não consiga identificar que está em uma relação abusiva, outras vezes não consegue admitir que isso esteja acontecendo com ela e se vê presa no relacionamento por medo ou mesmo, por achar que tem culpa dos acontecimentos. É muito difícil enxergar a gravidade do problema quando se está dentro dele.

A culpa é um dos fatores mais problemáticos dentro de uma relação abusiva. Segundo o site americano *Abuse and Relationships*<sup>96</sup>, o ato de transferir toda a responsabilidade por suas ações e sentimentos para o a parceiro é a base de toda violência doméstica. Ao fazer isso, se exerce o controle de forma disfarçada, fazendo o parceiro pensar que o agressor está apenas tentando apontar falhas no relacionamento para então resolvê-las.

Hoje em dia, muitas mulheres conquistaram sua emancipação e autodeterminação, mas ainda vivemos sob forte influência patriarcal e ainda existe muita desigualdade de gênero. O relacionamento abusivo é um exemplo mais que recorrente para encontrar as raízes patriarcais. Censurar vontades e ações de uma mulher infringe o livre arbítrio, ninguém é dono de ninguém, mas nesse tipo de relação, o abusador estabelece controle pela situação, manipulando a vítima a agir de acordo com o que ele acredita que seja certo.

Durante anos, a ocorrência de relacionamentos abusivos foi emudecida pela sociedade, tanto por ser uma espécie de tabu cultural, quanto por falta de coragem, por falta de voz das vítimas que vivenciaram tais agressões. O fato da mulher ser silenciada diante de tais situações acaba por gerar um contexto que as tonam alvo de objetificação, inferiorização.

Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (Venturini, 2004) mostra a dificuldade que muitas mulheres têm em identificar um ato de abuso contra si, fato que reforça a naturalização da violência cotidiana contra a mulher em nossa sociedade. Segundo o

---

<sup>96</sup> Disponível em <http://www.abuseandrelationships.org/>



estudo, a diferença entre o número de mulheres que identificaram espontaneamente haver sofrido algum tipo de violência e as que só indicaram que foram vítimas quando o entrevistador apontou atos de violência é vultosa. Por exemplo, na entrevista, “violência psíquica ou verbal”, o abuso só foi identificado de forma espontânea por 4% das entrevistadas, entretanto, quando a resposta foi estimulada e o entrevistador enumera os atos de violência, há um aumento de 23% no reconhecimento dos delitos pelas vítimas.

Diante dessas pesquisas, percebemos o quanto a violência contra a mulher é aceita indiretamente pela sociedade, contribuindo para a propagação dos ideais patriarcais e também para o aumento de relações abusivas abrindo espaço para a inserção da dominação masculina e também a submissão feminina, elegendo o homem como um ser superior, fazendo necessário a percepção da importância de estudar relações de gênero e patriarcado para entender a formação do conceito desses relacionamentos e o que leva à violência contra a mulher.

### **Harley Quinn: uma vítima por trás da romantização**

É fato que a sociedade reflete o que a cultura nos impõe, seja no comportamento dos indivíduos, nas semelhanças entre o mesmo, na desigualdade social e até mesmo em como a divisão de gêneros implica na vivência entre esses indivíduos. No cinema, não é diferente. Gilles Deleuze (2007) afirma que o cinema não é uma imitação da realidade e sim a própria realidade. Um exemplo, até mesmo frequente na cultura pop, é a salientação de relacionamentos abusivos entre os personagens e que muitas vezes são romantizados pelo público. Tendo como foco a análise da personagem *Harley Quinn* no filme *Esquadrão Suicida* (2016), é fundamental compreender a influência da sociedade em roteiros audiovisuais.

Para analisar um filme, segundo Aumont e Marie (2009), é importante compreender três fatores: não existe um método universal; é interminável, sempre tendo algo a mais a analisar; e a necessidade, para quem vai analisar, de conhecer a história do cinema e a história dos discursos, afim de localizar o tipo de análise que pretende fazer. Para eles, é importante ver e rever o filme que foi posto em análise. Em uma análise fílmica, é importante adquirir um olhar analítico, ou seja, ter um foco maior no que se pretende averiguar, dando uma



significação maior aos elementos do filme que são interessantes para compreender o que é proposto. Desse modo, Vanoye e Goliot-Lété destacam que:

[...] despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente ‘a olho nu’ [...], procuramos identificar as estratégias tanto técnicas como artísticas utilizadas pelo aparato fílmico. É por meio dessa etapa de desconstrução que é estabelecido “[...] um certo distanciamento do filme (Vanoye; Goliot-Lété, 2011, p. 14).

A doutrina que a mídia introduz ao espectador influencia no modo em que pensamos e reagimos, em relação ao que vemos e absorvemos. Romantizar um relacionamento abusivo, em que o abuso é coagido como uma relação saudável, entenece diretamente no entendimento e na alienação do circunstante. A indústria do entretenimento conseqüentemente é responsável pelo que fornece. Representar relações abusivas de forma romantizada acaba por anular algumas questões importantes para o entendimento de tais situações e também acaba por camuflar a gravidade desse problema.

O relacionamento abusivo começa quando uma das pessoas tenta ter o poder sob a outra e essa situação é muito bem exemplificada no filme *Esquadrão Suicida* (2016). Escrito e dirigido por David Ayer, o filme ficou dividido em meio às críticas negativas que pontuavam o filme como uma trama confusa. A escolha do filme e da personagem Harley Quinn se deu pelo fato de que ela foi uma das mais criticadas, por conta da hipersensualização e objetificação da mesma e também por ela retratar, de forma explícita e pontual, as conseqüências de ser vítima de um relacionamento abusivo.

*Harleen Quinzel*, mais tarde apelidada como *Harley Quinn*, foi criada para a série animada para televisão *Batman: A Série Animada*, aparecendo pela primeira vez em 1992. Após uma aceitação positiva do público, seus criadores, Paul Dini e Bruce Timm, incluíram a personagem em vários outros episódios e mais tarde ela também apareceria nos quadrinhos do *Universo DC* e posteriormente na adaptação para cinema *Esquadrão Suicida*. Ela aparece na trama como a psiquiatra de *Coringa*, que manipulada e seduzida pelo mesmo, desenvolve uma empatia pelo paciente ajudando-o a fugir do Asilo de Arkham e torna-se uma seguidora do vilão seguindo suas ordens em viés do sentimento que ela acredita ser amor.

Durante o tempo em que Coringa esteve preso, Harley foi designada ao tratamento do mesmo. Ao longo do tratamento, ela acreditava que estava conseguindo avanço na cura de seu



paciente, mas na verdade, estava sendo manipulada e acabou se apaixonando pelo mesmo. Ela acaba por ajudar Coringa fugir e torna seguidora do mesmo.

Logo nos primeiros minutos do filme, a história de Harley é contada e, após ser cúmplice da fuga, o primeiro abuso físico de Coringa contra ela, é retratado. Ela é submetida a um eletrochoque, tratamento muito usado na psiquiatria, o que já implica no seu estado psicológico. Ela diz aguentar a dor e logo percebemos que Harley está perdidamente apaixonada por seu abusador e é capaz de fazer tudo para que o mesmo a aceite.

Figura 1 e 2 – Harley e Coringa em Arkham



Fonte: frames retirados da versão digital do filme

Coringa parece usufruir da liberdade que tem em relação à Harley, já que tudo o que ele a intima a fazer, ela faz. Uma das cenas que exemplifica essa objetificação da personagem, mostra Harley em uma boate dançando. Coringa se gaba de ter Harley como namorada e chega a oferecê-la a um de seus clientes.

Designada ao lugar de objeto, ela é depositária do desejo masculino, aparecendo de modo passivo e não ativo. Nesta posição, seu prazer sexual só pode ser construído em torno e própria objetificação. Além do mais, devido à estruturação masculina em torno do sadismo, a mulher pode dotar o masoquismo correspondente. (Kaplan, 1983, p. 47)

Pela primeira vez notamos indícios do voyeurismo. Coringa, mesmo sentindo ciúmes de Harley, acaba por oferecer a mesma, mesmo guardando e reprimindo o ódio de pensar em dividir o seu “bem”. Na sequência, Coringa perde a cabeça por seu cliente negar a sua “oferta” e acaba o matando.

O emissor homem construindo situações em que ele está no controle: novamente o “eu” da identidade permanece como figura central, ao contrário do que acontece em narrativas femininas. Em muitas fantasias masculinas a excitação do homem

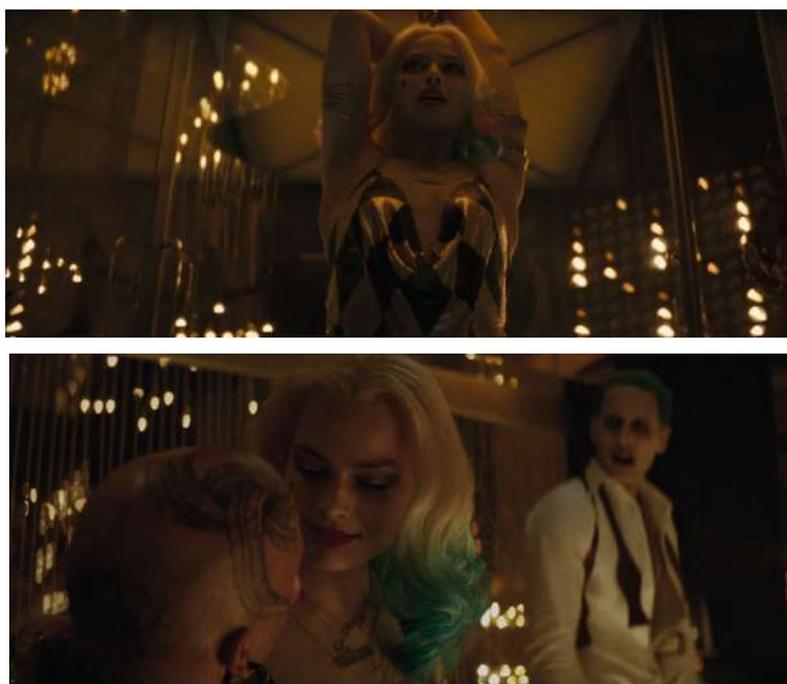


concentra-se em fazer sua mulher expor-se (ou até mesmo entregar-se) a outros homens, enquanto ele observa. (Kaplan, 1983, p. 49)

O conceito do voyeurismo, do ponto de vista psicanalítico, nada mais é do que sentir prazer em ver alguém. No caso de Coringa, ele sente prazer em ver Harley se exibindo e se oferecendo para outros homens, apenas para o impulsionar em elevar seu ódio e sua loucura. No ponto de vista do conceito freudiano, é importante entender o que motiva o espectador a vangloriar tanto a personagem Harley e porque o casal é tão romantizado.

O voyeurismo está ligado ao instinto escopofílico (o prazer masculino de transferir o prazer de seu próprio órgão sexual para o prazer de ver outras pessoas se exibindo). A crítica assegura que o cinema se baseia nesse instinto, fazendo do espectador basicamente um *voyeur*. (Kaplan, 1983, p. 53)

Figura 3 e 4 – Voyeurismo



Fonte: frames retirados da versão digital do filme

Muitas outras cenas do filme podem exemplificar o porquê do casal ser tão aclamado pelo público. Uma das cenas mais clássicas mostra Coringa perguntando para Harley se ela morreria e viveria por ele e ela diz sim para as duas perguntas. Logo após, como exemplo de seu amor, Harley se joga em um tanque, mesmo não sabendo nadar. Coringa por um momento pensa em ir embora, mostrando desinteresse por Harley, mas hesita e pula para salva-la,



beijando-a no final. Nessa cena, há também a transformação de Harleen Quinzel em Harley Quinn, é ponto de virada da história.

Figura 5 – Romantização



Fonte: frame retirado da versão digital do filme

Demonstrar amor não significa que a relação seja saudável. O abuso psicológico pode ter consequências invertíveis, impactando severamente no modo de agir, na autoestima e confiança. A vítima passa a ver o parceiro como o dono da verdade, acreditando apenas no que o mesmo diz. O relacionamento abusivo dificulta a capacidade de ação da vítima em relação a seus interesses próprios, devido ao intenso controle e manipulação a que a mesma é submetida.

Outro fator que nos submete a enxergar o quanto Harley é submissa e objetificada é a questão de seu figurino. Ela usa uma coleira com o apelido de Coringa, sua jaqueta tem escrito que ela é propriedade do mesmo e por último sua blusa tem os dizeres “*Daddy’s Little Monster*” (traduzido como “*monstrinha do papai*”) que leva à conclusão de que Harley tornou-se uma aberração, uma experiência de Coringa, fazendo tudo o que ele manda e desmanda.

Figura 6 – Figurino de Harley Quinn



Fonte: Pinterest



Relações abusivas implicam também no desenvolvimento de transtornos. Em alguns casos, os abusos sofridos acabam por manter a vítima ligada a seu agressor, criando a falsa ilusão de amor. A vítima não enxerga o parceiro como agressor, apenas como uma pessoa que a ama e retribui seu amor. O longo período de intimidação manipulação e coação pode se transformar em uma relação de simpatia e até mesmo sentimento de amizade e amor na presença do agressor. Esse comportamento é classificado como Síndrome de Estocolmo e pode ser claramente aplicado à Harley Quinn.

Quando uma pessoa passa por uma situação extremamente crítica em que sua existência fica completamente à mercê de outra, que detém o poder de vida ou de morte sobre ela, pode-se estabelecer um tipo de relação dependente em que a vítima adere psicologicamente ao agressor. Nesses casos, pode-se estabelecer uma espécie de amor ou paixão que decorre de um processo inconsciente de preservação cujo mecanismo mais evidente se expressa pela idealização e pela identificação, notadamente pela identificação projetiva, através das quais características da vítima são projetadas no agressor, com o fim de manter o controle do outro, defender-se dele e proteger-se de um mal grave e inesperado que ele pode causar. (Trindade, 2011, p. 223)

Harley acaba por ter um vínculo tão forte com seu agressor e motivada por sua síndrome, sonha com situações quase impossíveis. Ela devaneia em ter uma vida normal, onde ela e Coringa são pessoas normais e livres do crime, um casal que tem filhos e leva uma vida como qualquer outro casal.

Figura 7 – Devaneios de Harley



Fonte: frame retirado da versão digital do filme

Não só a Síndrome de Estocolmo é notada em vítimas de relações abusivas, é frequente identificar também transtornos de personalidade. No filme, a identificação desses transtornos aparece de forma superficial, pois o roteiro não nos permite aprofundar num



diagnóstico certo. Mas segundo Mecler (2016), basta que o indivíduo apresente um único traço, em grau tão elevado que o torne prejudicial, para que o diagnóstico seja feito.

O cinema é uma forma de escritura, cujo suporte é a imagem em movimento utilizando meios expressivos particulares da arte cinematográfica. É um texto, pois comunica conteúdos através de posicionamentos e intenções e, como tal, precisa ser lido ou decodificado por seu espectador. O transtorno constatado em Harley trata-se do Transtorno de Personalidade histriônica, onde a pessoa apresenta sintomas de querer ser o centro das atenções, ser paqueradora e/ou sedutora, usa roupas provocantes, é dramática e emocional e sugestionável.

Segundo o DSM-IV, o Transtorno de Personalidade Histriônica é caracterizado por um padrão de emocionalidade exagerada e comportamentos de busca de atenção. Inicialmente, são agradáveis com seu estilo dramático e animado de ser, mas com o tempo passam a ser evitados pelos outros pelo incômodo provocado por sua exigência inadequada de atenção. Muitas vezes, essas pessoas são influenciadas por pessoas ou situações, sendo muito vulneráveis às opiniões alheias. Em geral usam da aparência física para chamar atenção. Apresentam grandes dificuldades de relacionamento, mostram-se muito dependentes, tentando controlar seus parceiros através da sedução.

Harley se enquadra em muitos dos sintomas do Transtorno de Personalidade Histriônica. Ela tenta seduzir muitos homens ao decorrer do filme e uma das cenas que mais exemplifica a busca dela por ser o centro das atenções, é quando ela troca de roupa na frente de centenas de pessoas sem nem mesmo se importar e agindo como se aquilo fosse algo normal.

Figura 8 – Harley como centro das atenções



Fonte: frame retirado da versão digital do filme



Harley é, como muitas outras, uma mulher que se sacrifica pelo amor. Uma mulher frágil diante da figura masculina, mas que mesmo diante disso, encontra forças para sobreviver, defronte tantos abusos. Embora, o filme tenha passado uma impressão errada para o espectador em relação ao que realmente se passa por trás dos relacionamentos abusivos, vale concordar que ele segue bem à risca o que acontece no mundo real. Aos que conseguem enxergar a gravidade por trás dessas relações, principalmente ao entendimento das mulheres, vale acreditar que dentro de cada vítima desses abusos há sempre uma esperança de liberdade.

### **Considerações Finais**

A violência de gênero não é algo natural, é fruto de todo um aparato histórico que foi passando de geração em geração. Tendo princípio dentro do sistema patriarcal, construída com base em relações de dominação, manipulação, subordinação e submissão entre homens e mulheres, essa desigualdade se torna uma questão cultural, passando por raça, classe social e gênero e muitas vezes, essas diferenças são retratadas em obras audiovisuais tal como na realidade.

Faz-se imprescindível notar como mulheres são inseridas na narrativa hollywoodiana, com o propósito de buscar as raízes sociológicas e ideológicas da submissão fílmica feminina, notada na personagem Harley, sob o gênero masculino, notada na figura de Coringa, uma vez que a sociedade contemporânea foi construída em uma base dividida em gêneros, onde na maioria das culturas, no que se refere ao acesso a recursos, o gênero masculino com frequência foi posicionado como superior.

Harley Quinn é um exemplo de como o relacionamento abusivo impacta na vida de uma mulher. O filme aborda o relacionamento de Harley e Coringa de forma a alertar que esses tipos de relações são muito presentes na sociedade, mas o espectador, ligado a questões culturais fundeadas ao sistema patriarcal, acaba por enxergar de forma romantizada essa relação considerada tóxica e prejudicial à Harley.

A imagem da mulher representada na sociedade, não mais se ancora apenas à figura masculina, mas cabe entender que essas conquistas não vêm de um todo, apenas de uma parcela de mulheres que altearam sua voz e conseguiram êxito em meio à luta feminista. Muitas mulheres ainda permanecem dentro de relacionamentos abusivos seja por amor, medo



ou por não conseguir enxergar ou admitir que se encontra dentro desse tipo de relação. No caso de Harley, percebemos que a manipulação a que ela foi sujeita fez com que ela desenvolvesse transtornos psicológicos e se apaixonasse pelo seu abusador.

Como visto na personagem Harley Quinn, o relacionamento abusivo deixa marcas, muitas vezes irreversíveis. É absolutamente necessário que a sociedade exponha, problematize e lute contra esses tipos de abuso, sem romantiza-los. Todo mundo precisa estar consciente de que essas relações causam consequências não só para a vítima, mas também em tudo que há em seu redor. A luta da mulher pelo reconhecimento de seus direitos, pela autodeterminação, libertação, emancipação e reconhecimento se faz indispensável.

### Referências Bibliográficas

- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *A análise do filme*. Lisboa: Texto & Grafia. 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo II – a experiência vivida*. 2. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- FLAX, Jane, (1983). "Political Philosophy and the Patriarchal Unconscious," in Sandra Harding and Merrill B. Hintikka, eds., *Discovering Reality*. Reidel: Dordrecht.
- FREUD, Sigmund. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KAPLAN, E. Ann. *A mulher no cinema: os dois lados da câmera*. Tradução: Helen Marcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- LAURETIS, T. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, B.H. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MEILLASOUX, Claude. *Maidens, Meal and Money*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- PENAFRIA, Manuela. *Análise de filmes: conceitos e metodologia*. Vi Congresso SOPCOM, abr. 2009. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>.
- SAFFIOTI, H.I.B. *Rearticulando gênero e classe social*. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) *Uma Questão de gênero*. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- \_\_\_\_\_. B. Posfácio: *Conceituando o Gênero*. In: SAFFIOTI, Heleieth I.; MUÑOZ-VARGAS, Monica. *Mulher Brasileira é Assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p. 271-283.
- \_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, 20, 71-99.

STEARNS, Peter N. *História das Relações de Gênero*. Editora Contexto, 2007.

TRINDADE, Jorge. *Manual de Psicologia Jurídica Para Operadores do Direito*. 5 ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011. 184 p, 213 p, 222- 224.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas: Papyrus, 2011.

VENTURINI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Org.). *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.